

## **O PROFESSOR DE LIBRAS NAS ESCOLAS DO RIO GRANDE DO NORTE: AVANÇOS E POSSIBILIDADES.**

Maria de Fátima Medeiros Dantas

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte , [fatimamedantas@gmail.com](mailto:fatimamedantas@gmail.com)*

### **Resumo**

Refletir sobre as práticas inclusivas é extremamente importante para definir o curso da educação básica brasileira. Este trabalho traz o relato de experiências vividas, enquanto professora de LIBRAS na rede estadual do Rio Grande do Norte. As ações apresentadas partem de um trabalho pioneiro no Estado, tendo em vista que o cargo de professor é novo e ainda está em processo de consolidação. As vivências aqui colocadas fazem parte da construção profissional na condição de educador que não possui sua função demarcada e necessita atuar em várias vertentes na escola, tendo por objetivo promover a inclusão de estudantes surdos.

**Palavras-chave:** Professor de LIBRAS, Escola Inclusiva, Surdos, LIBRAS.

### **Introdução**

A educação brasileira vem passando por diversas mudanças ao longo de sua história. Muitas delas ocorrem em virtude dos contextos em que vivemos, sobretudo, pelas próprias transformações sociais e políticas que acontecem o tempo todo. Afinal, existem vontades para além dos muros da escola que ditam os rumos para os quais essa instituição deve seguir.

Se à priori a escola pode ser vista como lugar de produção dos saberes, nós, enquanto sujeitos sociais, que participamos de vários processos que alteram o cotidiano, ora como espectadores ora como atores, não podemos nos esquecer que até mesmo os saberes institucionalizados, o que aprendemos dentro daquele espaço é pré-determinado por algum grupo social e servirá a algum propósito, de caráter político ou econômico.

Despontando como um dos parâmetros norteadores da educação básica, atualmente, a inclusão dos estudantes com deficiências modifica a rotina escolar, trazendo novas demandas para dentro desses espaços.



[...] podemos imaginar o impacto da inclusão na maioria das escolas, especialmente quando se entende que incluir é ensinar a todas as crianças, indistintamente em um mesmo espaço educacional: as salas de aula de ensino regular. É como se esse espaço fosse de repente invadido e todos os seus domínios tomados de assalto. A escola se sente ameaçada por tudo o que ela criou para se proteger da vida que existe para além de seus muros e paredes – novos saberes, novos alunos, outras maneiras de resolver problemas, de avaliar a aprendizagem, demandam “artes de fazer”, que como nos diria Certeau (1994), a contestem e que transgridam o seu projeto educativo vigente. (MANTOAN, 2004, P. 3)

Nesse sentido, refletir sobre a importância da escola e principalmente, a importância das disciplinas e conteúdos ministrados para a formação dos sujeitos se faz extremamente importante. Dito isso, buscaremos pensar sobre uma área do conhecimento que possibilita a comunicação e conseqüentemente traz em seu seio a inclusão como o principal meio para alcançar uma equidade social, a LIBRAS.

As línguas de sinais, no mundo, passaram por várias fases e questionamentos, principalmente, sobre a sua aceitação ou não como língua materna para os povos surdos. Desse modo, elas foram alvos de grandes problematizações por parte dos estudiosos da área. Isso pelo fato de que utilizar essas formas de comunicação destoava da maioria da população que era vista como normal, pois utilizava a oralidade como principal forma de se comunicar.

Segundo o CENSO 2010, o Brasil conta com um número de 9,8 milhões de brasileiros com algum tipo de deficiência auditiva, o que representa 5,2% da população brasileira. Do número acima, 2,6 milhões de pessoas são completamente surdas e 7,2 milhões apresentam grande dificuldade para ouvir.

Diante de um número tão alto de pessoas que se encontram no meio de duas línguas -afinal, no Brasil, os surdos são necessariamente sujeitos bilíngües- fazendo uso da sua língua materna e do português escrito diariamente-, é difícil compreender como várias línguas estrangeiras são valorizadas a tantos anos, sendo implantadas como obrigatórias nos currículos escolares e a língua brasileira de sinais, reconhecida como a segunda língua oficial do Brasil permanece relegada a poucos espaços educacionais.

A implantação da disciplina em todas as escolas brasileiras é algo necessário e urgente. Em



alguns Estados, como o Rio Grande do Norte, alguns passos já foram dados para que ela possa entrar, efetivamente, no currículo escolar. O primeiro deles, foi a chegada de professores de LIBRAS em escolas da rede estadual. Este profissional têm o papel de levantar uma bandeira que aos poucos vem tomando forma, na prática, dentro do nosso país que é a bandeira da inclusão.

Incluir, sobretudo nas escolas, deveria ser parte da rotina. Todavia, na prática isso ainda não acontece efetivamente. As ações inclusivistas ocorrem parcialmente e isso é fruto tanto do despreparo da maioria dos profissionais quanto da ausência do estado em conhecer os grupos que necessitam de atendimentos educacionais especializados em suas especificidades. Na verdade, não cumprir a lei, aparentemente, é a regra da educação pública brasileira. Ao nos depararmos com o cumprimento delas, podemos dizer que estamos diante de exceções.

Problemas conceituais, desrespeito a preceitos constitucionais, interpretações tendenciosas de nossa legislação educacional e preconceitos distorcem o sentido da inclusão escolar, reduzindo-a unicamente à inserção de alunos com deficiência no ensino regular e desconsideram os benefícios que essa inovação educacional propicia à educação dos alunos em geral, ao provocar mudanças de base na organização pedagógica das escolas e na maneira de se conceber o papel da instituição escolar na formação das novas gerações. (MANTOAN, 2004, P. 2)

No caso dos sujeitos surdos, é imprescindível ao educador, por exemplo, compreender como o indivíduo surdo assimila os elementos tradicionais do mundo dos ouvintes, para que ele compreenda suas lógicas de aprendizado bem como suas expressões e visões de mundo, através da sua linguagem espaço-visual, facilitando na compreensão de ideias e consequentemente na sua aprendizagem.

Os estudantes surdos assimilam hábitos, comportamentos dos seus colegas de classe. Eles também se adaptam às metodologias, em geral, utilizadas por seus professores, mesmo quando não são adequadas ou adaptadas ao seu canal de aprendizado. Por conseguinte, em diversos momentos não conseguem formular um conhecimento mais sólido sobre os conceitos ensinados na escola, em virtude da didática utilizada por seus professores.

Os contatos possibilitados através da escola afetam surdos, ouvintes e professores pois, faz com que ambos os grupos se influenciem reciprocamente. Com o advento do professor de



LIBRAS na educação básica, muitos professores passaram a enxergar mais atentamente os estudantes surdos, solicitando o auxílio daquele profissional, seja no tocante à língua, a adaptação de materiais ou mesmo para o aprendizado de técnicas de ensino para surdos. No entanto, vários fatores permeiam e entram a relação docente/discente.

[...] alunos que apresentam necessidades educacionais especiais precisarão de recursos didáticos, metodologias e/ou currículos adaptados ou diferenciados. Muitos também precisarão de um tempo diferenciado (geralmente maior) que seus colegas para executar as atividades propostas e/ou aprender os conteúdos ensinados, durante todo ou parte do seu percurso escolar. (GLAT, 2011, P. 4)

Nem sempre o professor consegue dar conta de tantas demandas seja por falta de conhecimento, de tempo ou de vontade. A chegada de alguém que possa mediar e facilitar essas questões é no mínimo importante para a construção da escola inclusiva. Portanto, refletir sobre a importância do professor de LIBRAS na escola para a formação dos sujeitos se faz extremamente importante, sejam eles surdos ou ouvintes, alunos ou professores. Afinal, só a análise crítica do que vem sendo realizado junto a educandos e educadores pode nos fazer compreender o papel deste profissional no contexto escolar, sua atuação dentro das disciplinas e junto aos demais professores e o que de fato ele representa e constrói dentro desse espaço.

Este relato tem como proposta pensar sobre as experiências desenvolvidas na Escola Professora Judith Bezerra de Melo, na cidade de Natal - Rio Grande, através da inserção profissional do professor de LIBRAS e como esse colabora com a inclusão dos estudantes surdos através da difusão da Língua Brasileira de Sinais.

É importante ressaltar que as ações desenvolvidas na escola fazem parte de uma experimentação feita por mim, enquanto professora que adentrou a escola sem ter uma disciplina e que teve que compreender qual o seu papel na formação dos sujeitos e, sobretudo, na construção da tão sonhada escola inclusiva que precisa ter um olhar mais atento para a diversidade de públicos a quem a educação deve servir.

É imprescindível lembrar que a comunidade surda permanece lutando por seus direitos e principalmente, no tocante a educação, pelo reconhecimento das suas especificidades durante o processo educativo.

Assim, este trabalho tem por objetivo principal pensar a importância da inserção da Língua Brasileira de Sinais dentro das escolas no estado do Rio Grande do Norte, para a formação dos estudantes do ensino médio potiguar como meio de propiciar a inclusão nos espaços educativos.

Através de ações desenvolvidas na escola citada, enquanto promotoras do processo inclusivo dos estudantes surdos ou mesmo da elaboração de materiais (avaliações e atividades), do ensino da LIBRAS para funcionários (professores e técnicos administrativos), da interpretação das aulas, do atendimento educacional especializado no contraturno entre outras metodologias e atividades que auxiliem na construção do conhecimento, equiparando todos os educandos, independentemente de suas diferenças.

### **Metodologia**

As metodologias utilizadas durante todo o processo experienciado foram as seguintes: Pesquisas e estudos sobre a inclusão de surdos no ensino regular, conversas com professores, coordenadores e estudantes surdos e ouvintes, observação das aulas, ensino de LIBRAS para algumas turmas, realização de cursos para funcionários da escola e adaptação de materiais e avaliações.

O curso de LIBRAS para funcionários é realizado nos dias de planejamento dos professores, semanalmente. Em geral, são aulas individuais. As aulas de LIBRAS nas turmas acontecem quando elas estão com horários vagos, caso não coincidam com o curso para os docentes. Com exceção do 6º ano que dispõe de uma aula cedida pela professora de Ciências. As adaptações de avaliações ocorrem na semana anterior a elas, por causa disso, o curso de LIBRAS acaba tendo uma pausa.

As adaptações de materiais acontecem no dia do meu planejamento, sempre às terças-feiras.

### **Resultados e Discussão**



Para melhor compreender como se deu o percurso de chegada na escola até os resultados e avanços alcançados, é necessário conhecer o início da minha história enquanto professora da disciplina e como através das minhas escolhas iniciais tive meu trabalho reconhecido e meu espaço garantido, dentro das possibilidades oferecidas.

Assim, minha jornada como professora de LIBRAS inicia no final de 2015, quando a Subcoordenadoria de Educação Especial (SUESP) da Rede Estadual de Ensino, percebendo a importância de inserir a disciplina LIBRAS nas escolas, como obrigatória no currículo, criou o cargo de Professor de LIBRAS no concurso público daquele ano.

Segundo o edital, os aprovados teriam como principal tarefa o ensino da disciplina para todas as turmas da escola. No entanto, ao tomarem posse, foram informados de que a secretaria de educação não tinha conseguido implantar a disciplina no currículo escolar. Portanto, eles iriam desempenhar outras funções relacionadas à inclusão dos surdos, dentro das escolas.

Dentre as funções desempenhadas estariam o suporte aos professores, na questão da adaptação de materiais e conteúdos, o suporte aos estudantes, nas atividades, pesquisas e orientações de trabalhos em geral e o ensino da língua quando fosse possível.

O edital foi bastante claro com relação à formação do professor que poderia assumir o cargo. No entanto, em nenhuma outra parte do mesmo edital foi posto o que seria o papel a ser desempenhado por aqueles que assumissem a função.

Diploma de conclusão de curso de nível superior de Licenciatura em Letras–LIBRAS. Diploma de bacharelado em letras libras com Pós-Graduação em área pedagógica ou complementação pedagógica obtida de acordo com as normas vigentes. Diploma de licenciatura em qualquer área do conhecimento com pós-graduação em licenciatura em Libras ou certificado PROLIBRAS, fornecido por instituição de ensino superior legalmente credenciada e registrado pelos órgãos competentes. (SEEC-RN, concurso 2015).

O concurso foi realizado no dia 10 de janeiro de 2016 e teve suas primeiras nomeações em pouco menos de três meses daquele mesmo ano.

Ao assumir o cargo como professora de libras, fui informada por uma técnica da SUESP, que a disciplina não tinha sido implantada e que seria necessário, no momento da minha



apresentação na escola para a qual fui direcionada, um documento dirigida à gestão escolar, informando o que eu poderia fazer para colaborar com o processo de inclusão dos surdos.

Quando me apresentei ao diretor da escola, ele ficou extremamente feliz ao perceber que uma profissional da LIBRAS tinha chegado, pois, acreditava que eu era uma intérprete. Expliquei que atuaria como professora e não como intérprete, o que aumentou a confusão tendo em vista a inexistência da disciplina. Apresentei um documento orientador, nele constavam algumas tarefas como as que citei anteriormente, como auxiliar os estudantes surdos e professores, ministrar aulas de libras caso houvesse oportunidade, ministrar formações continuadas entre outras coisas.

Fui informada de que quando houvesse necessidade, poderia interpretar para os estudantes surdos nos horários em que não estivesse ministrando aulas de libras, a fim de completar minha carga horária, enquanto os intérpretes contratados não chegassem à escola.

A princípio eu concordei com a proposta, pois, estava muito preocupada com os alunos surdos, por estarem metade do ano letivo sem o acompanhamento de intérpretes. Por outro lado, também pensei que eu devia ocupar meu tempo da forma que mais ajudasse os estudantes e, conseqüentemente a escola, portanto, passei a interpretar.

A coordenadora do turno me orientou a ficar com uma turma que tivesse surdos por dia, mas eu sugeri um rodízio, já que tinham cinco turmas com estudantes surdos.. Essa situação se desenrolou por um ano, até junho de 2017, pois, nenhum intérprete foi enviado para as escolas neste período.

No ano de 2017, a mesma situação ocorreu durante o primeiro semestre. Permaneci realizando o trabalho diretamente com os estudantes surdos e aguardando um pronunciamento da SUESP com relação ao envio dos intérpretes do contrato anual. No final de junho fiquei sabendo que o contrato saiu e os intérpretes começaram a ser encaminhados para as escolas. Imediatamente, sentei com a vice-diretora da escola e tracei um plano de trabalho, dentro das minhas funções, a partir da chegada dos intérpretes. Nos dias seguintes chegaram quatro profissionais para trabalhar.



Com as intérpretes em sala de aula, enfim, pude colocar em prática minhas ações como professora de LIBRAS. Inicialmente, sugeri aos docentes ministrar uma formação continuada dentro do seu horário de planejamento. A maior parte aceitou e iniciamos o curso.

Pensando nas dificuldades vivenciadas pela comunidade escolar, ao longo dos anos, outras ações passaram a ser realizadas a fim de minimizá-las e se possível saná-las. Assim, nossas ações educativas inclusivas prezam, nas palavras de MANTOAN (2004, p. 6) pelo “convívio com as diferenças, a aprendizagem como experiência relacional, participativa, que produz sentido para o aluno, pois contempla a sua subjetividade, embora construída no coletivo das salas de aula.

Mesmo ciente das dificuldades de promover uma inclusão, em seu sentido mais amplo, passei a realizar outras ações. A primeira delas, foi a adaptação das avaliações. Os desafios em adaptar o conteúdo para o aluno surdo são diversos, dentre eles podemos citar a falta de uma preparação adequada deste educando uma vez que ele, muitas vezes, não compreende conceitos citados pelo professor, conceitos estes que já foram vistos em séries anteriores mas que a maioria deles não conseguiu aprender por diversos motivos. Mesmo com a presença do intérprete fazendo a tradução dos conteúdos, não existem garantias de que o estudante consiga compreender a explicação dos professores mesmo na forma adaptada. Isso acontece, muitas vezes, por falta de conhecimento prévio ou déficit's escolares anteriores. Muitos desses alunos chegam em um nível escolar mais elevado sem ter domínio da leitura e da escrita o que dificulta, e muito, o acompanhamento da série em que se encontra.

Outro fator que dificulta a adaptação do conteúdo é a falta de tempo do professor para realizar esta tarefa, haja vista que muitos desses profissionais possuem mais de um vínculo de trabalho não permitindo adequar suas atividades para melhor compreensão dos alunos e preparar uma aula diferenciada e com materiais ilustrativos. Assim, o tempo destinado ao planejamento é insuficiente para o estudo, pesquisa e elaboração de métodos de ensino sejam realizados de forma adequada.

Uma outra barreira a ser enfrentada é a falta de conhecimento do professor regente em relação a LIBRAS e a cultura surda, estes são fatores que dificultam a adaptação das atividades propostas que promovam uma prática educacional inclusiva. Desde 2010, tendo

consciência do meu papel enquanto educadora, venho tentando junto aos demais professores, superar as dificuldades acima, a partir de ações contínuas durante todo o ano letivo.

Visando superar as muitas barreiras que entravam a inclusão dos discentes surdos, várias atividades vêm sendo desenvolvidas na escola. Dentre elas, podemos destacar as seguintes: Curso de LIBRAS para funcionários, adaptação das avaliações, adaptação de atividades e aulas de LIBRAS para os estudantes ouvintes.

Com relação a adaptação de atividades, também priorizamos o uso de recursos visuais, utilizando de imagens e também de materiais e exemplos concretos, objetivando a aprendizagem de todos os estudantes da sala. Afinal, quando se ministra uma aula adaptada, devemos ter em mente que ela deve alcançar a todos os educandos, sem distinção. Portanto, caminhando para a construção de uma escola inclusiva que preze pela qualidade do ensino é necessário “oferecer práticas pedagógicas planejadas e sistemáticas, que levam em conta as especificidades dos alunos e a sua interação em sala de aula” (GLAT, 2011 p. ). Afinal, é somente assim que, segundo a pesquisadora existe a possibilidade de viabilizar o processo de escolarização dos discentes com diversas necessidades educacionais especiais, inclusive, no contexto de uma classe comum.

Uma aula que leva exemplos concretos beneficia a todos e é isso que o educador precisa ter em mente. Planejar uma aula que possa facilitar a aprendizagem de todos os estudantes e não planejar aulas diferentes para públicos distintos. Assim, o professor deve pensar em planejar uma única aula e não duas aulas como a maioria pensa que deve fazer a fim de atender toda a sala de aula.

Como dito anteriormente, é disponibilizada a formação em LIBRAS para todos os funcionários da escola. O curso iniciou no ano de 2017, tendo como público-alvo os professores. Porém, em 2018, o curso foi ampliado para os profissionais em geral, professores, coordenadores e técnicos administrativos do turno vespertino. É um curso de formação continuada que visa melhorar um dos grandes entraves que é a pouca comunicação entre os profissionais e estudantes.



Para tornar-se inclusiva, a escola precisa formar seus professores e equipe de gestão, e rever as formas de interação vigentes entre todos os segmentos que a compõem e que nela interferem. Precisa realimentar sua estrutura, organização, projeto político-pedagógico, recursos didáticos, práticas avaliativas, metodologias e estratégias de ensino, bem como suas práticas avaliativas. (GLAT, 2009, p. 16)

Ainda nessa perspectiva de melhorar a comunicação e de difundir o universo da surdez, através do ensino da LIBRAS para o máximo de sujeitos da comunidade escolar, aulas da língua são ofertadas para algumas turmas da escola. A princípio, a disciplina era ministrada para turmas que tinham horários vagos semanais, em virtude da falta de professores de outras disciplinas. Atualmente, o curso também vêm sendo ministrado em um horário cedido pela professora Suze Fernandes Costa, dentro da disciplina de Ciências para os alunos do 6º ano, onde há um estudante surdo. Nas turmas do ensino médio, 1ª e 2ª séries algumas aulas foram ministradas em 2017 e foram retomadas em 2018 nos horários vagos, uma vez por semana.

Por fim, contamos com a colaboração dos profissionais intérpretes de LIBRAS, fazendo a tradução e a interpretação nas salas de aulas e também das professoras da sala de recursos multifuncionais -SRM, principalmente, no contraturno dando suporte a esses estudantes. Assim, várias atividades vêm sendo desenvolvidas com o intuito de atender o público através da promoção de ações inclusivas de várias formas.

Embora estejamos distantes de uma inclusão total, já conseguimos avançar em relação a maioria das escolas brasileiras. Vale salientar que este trabalho, nestes moldes acontece na escola citada, ou seja, cada escola que tem um professor de LIBRAS tem sua própria rotina. É interessante deixar claro a necessidade de padronizar as ações exitosas, porém, falta uma centralização por parte da SUESP nesse sentido.

## **Conclusões**

Diante dos pontos abordados neste relato, podemos concluir a relevância de se pensar o papel do professor de libras dentro da escola e como ele pode possibilitar o desenvolvimento de relações entre todas as pessoas que compõem a comunidade escolar.

É importante perceber, dentro do contexto educacional, como as culturas, as linguagens dialogam na construção dos saberes de alunos e também dos professores. Mesmo se tratando de grupo com características linguísticas distintas, não podemos deixar de observar o quanto o grupo majoritário afeta o imaginário e o comportamento do grupo menor e vice-versa.

E este é o grande desafio com o qual nos deparamos quando pensamos em uma Escola Inclusiva. Pois, para que a diferença não reproduza desigualdades, não basta que todos os alunos tenham igualdade de oportunidade de acesso à escola. É preciso que se reconheça e se trabalhe com as diferenças individuais do alunado, sobretudo aquelas que afetam diretamente o processo ensino-aprendizagem. Caso contrário, o aluno deixará de ser excluído da escola, mas continuará excluído na própria escola – já que não terá como se apropriar do conhecimento nela veiculado. (GLAT, 2011, p 4)

Para que possamos compreender melhor as relações que permeiam o contato entre indivíduos com surdez e ouvintes, devemos enveredar por este caminho, investigando as relações desenvolvidas entre os surdos e entre surdos e ouvintes. Perceber como esse contato reflete e orienta a linguagem desses últimos, seus olhares sobre as coisas e sua maneira de encarar os elementos socioculturais. Portanto, compreender os modos de viver dos sujeitos surdos, a forma como constroem seus conhecimentos para que dessa maneira possamos encará-los enquanto sujeitos que fazem parte do processo social, das nossas mudanças e dinâmicas é essencial para que o processo inclusivo ocorra de maneira adequada.

Nesse sentido, o professor de libras pode atuar como elo entre as partes ao promover uma maior interação entre professores e educandos, entre intérpretes e professores e entre os próprios estudantes ao possibilitar a difusão da língua brasileira de sinais nas escolas. No entanto, para que isso aconteça, o papel do professor de libras deve ser consolidado, ou seja, ela precisa ter seu espaço demarcado e os limites de suas atribuições bem definidos. Algo que só será possível quando a disciplina for efetivamente implantada nas escolas e houver uma maior valorização dela e dos profissionais da área.

## Referências

BERGAMO, Alexandre; SANTANA, Ana Paula. **Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas.** Campinas, vol. 26, n. 91, p. 565-582, Maio/Ago 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

BORNHEIM, Gerd Albert. In: **Cultura Brasileira—Tradição/Contradição.** Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Cultura das bordas: edição, comunicação, leitura.** Cotia: Ateliê Editorial, 2010.

GLAT, Rosana (Org). **Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar.** 2ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

GLAT, Rosana. **O uno e o diverso na Educação.** Publicado em :LONGHINI, M. D. (Org.). Uberlândia: EDUFU, p. 75- 92, 2011.

HALL, Stuart. Da diáspora: **Identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: UNESCO, 2003.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **O direito de ser sendo diferente.** Revista CEJ, Brasília, n. 26, p. 36-44, jul./set. 2004.

**Parâmetros Curriculares Nacionais mais Ensino Médio-** Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. 2000.

SÁ, Nídia Limeira de. **Existe uma cultura surda?** In: Cultura, poder e educação de surdos. São Paulo: Paulinas, 2006.